

Estava eu lendo o livro "Tampa", de Alissa Nutting, presente de uma amiga, quando me lembrei da história recente de uma professora americana demitida da escola porque estava namorando um aluno de 17 anos. Achei uma hipocrisia. Se fosse uma sedução banal, eu até poderia entender a atitude da instituição, mas quando o amor está envolvido, não vejo nada demais. Nesses tempos violentos e descartáveis, louvo ainda mais um afeto sincero entre duas pessoas, independentemente da idade. Não sei o motivo de tanta surpresa. Na Idade Média era comum homens velhos se casarem com moças de 11/12 anos. E hoje não vejo ninguém ficar perplexo quando um senhor idoso se casa com uma moça bem jovem. Tudo bem, provavelmente ele tem boas condições financeiras, pode proporcionar o que ela deseja (e muitas vezes a família da moça também), então não há o que reclamar. Tenho uma amiga educadora que quando tinha 17 anos viveu com um intelectual muito conhecido que tinha 36 e ninguém saiu tosquiado da relação.

Tentando ter mais lucidez sobre o tema, conversei com minha amiga, a psicanalista Ana Claudia Vaz. Ela disse que o que chamou a atenção no caso que citei não foi a diferença de idade. Diz que um rapaz de 17 anos não chega a ser um adulto com discernimentos e escolhas consolidadas, mas também não é um menino e lembra que, em tempos de eleição, o jovem poderia até votar. Talvez a questão principal seja o lugar que a amante eleita ocupa: ela é a professora. E diz que é preciso que esses profissionais estejam avisados da existência desses encantamentos. Afinal, quem nunca se apaixonou pelo professor ou professora? "O pivô da discussão, contudo,

passa pela ética, visto que somos sabedores que o professor ocupa um lugar especial, onde são projetadas e transferidas experiências, sentimentos e expectativas. Também não podemos negar que o laço afetivo é bem-vindo para o processo de ensino e aprendizagem. O vigor da pulsão do saber via curiosidade e o desejo de aprender precisam desse motor amoroso", explica Ana. Para ela, cabe, porém, ao mestre manejar esse afeto e compreender que, na maioria das vezes, não é para a pessoa dele o amor e até o ódio endereçado, e sim para o que

ele representa.

Ana lembra ainda que a figura do professor é muito sedutora. "Supõem-se a ele um saber absoluto que o faz ter um lugar mágico na vida de jovens e adultos, já que tem qualidade, experiência e inteligência incomuns em comparação com seus pares diretos. A questão é delicada e não deve ser tratada como quem é contra ou a favor. Há que se reconhecer que nesse processo de aprendizagem está confido esse amor de transferência, e que mesmo que se transforme em uma paixão platônica ele poderá fi-

car apenas no campo da fantasia. A sala de aula é o palco do professor. Caberá a ele na função e posição que ocupa poder discernir e, principalmente, não manipular esse amor quando surge." Ela destaca, ainda, que sabemos de histórias bem-sucedidas e belas nesse campo, em que o encantamento deu em paixão, amor e subida ao altar/casamento. Ana acha difícil generalizar. "A demanda de amor está para todos. Professores e alunos querem ser amados, mas é preciso cautela e prudência. Em nome do amor — não necessariamente por amor — comete-se inúmeras atrocidades. Acredito que seja necessário tratar do tema com o respeito que merece, com menos patrulha e mais escuta".

Não é o caso de "Tampa", que fala mais sobre um vício de sedução e que, em suas primeiras páginas, nos dá uma certa repulsa. Demora para você digerir o que está lendo. Uma professora obcecada por jovens franzinos de 14 anos cujas vidas ela acaba por destruir. Algumas cenas são bem capazes de revolver um estômago mais sensível. Amigos que leram o livro têm as mais diversas opiniões: alguns ficam enojados, outros acham que são "coisas da vida" e também há os que acham que é pura literatura. A protagonista Celeste é doentia? Sem sombra de dúvida. Mas também ela não força ninguém a nada, só se insinua como é possível.

A história de "Tampa" tem como referência o caso real da professora Debra Lafave, colega de escola de Alissa Nutting, que se envolveu sexualmente com um aluno do 8º ano. Ela tinha 23 anos, o garoto tinha 14, e embora a Justiça tenha amenizado as coisas (Debra não foi para a prisão sob a alegação de que era bela demais para ficar entregue "a leões"), pelas leis americanas ela continua culpada de assédio a menor. ●

orsini@oglobo.com.br

BETY ORSINI



Amores brutos

